

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE LITORAL NORTE/OSÓRIO – RS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGED
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

THEMIS KARINE DUTRA MENEGAZZI

PENSAR DOCÊNCIA: UMA PROPOSTA DE ENCONTROS

OSÓRIO/RS

2023

THEMIS KARINE DUTRA MENEGAZZI

PENSAR DOCÊNCIA: UMA PROPOSTA DE ENCONTROS

Produto Educacional apresentado ao Curso de Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Unidade Litoral Norte, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Viviane Machado Maciel Maurenre.

OSÓRIO/RS

2023

Catálogo de Publicação na Fonte

M541p Menegazzi, Themis Karine Dutra.
Pensar docência: uma proposta de encontros / Themis Karine Dutra
Menegazzi. – Osório: Uergs, 2023.
10 f.

Orientador: Profa. Dra. Viviane Machado Maciel Maurente.

Produto Educacional (Mestrado) – Universidade Estadual do Rio Grande
do Sul, Mestrado Profissional em Educação, unidade em Litoral Norte -
Osório, 2023.

1. Educação. 2. Docência. 3. Análise do discurso. I. Maurente, Viviane
Machado Maciel. II. Título.

Apresentamos, neste texto, o produto educacional pensado a partir da trajetória de pesquisa de mestrado. Iniciamos apresentando a proposta, seguida de seu embasamento teórico e da sua organização metodológica. Por fim, fazemos um relato do encontro já desenvolvido e uma avaliação das suas potencialidades.

1) ELABORAÇÃO DA PROPOSTA

Ainda que a pesquisa de mestrado nasça da práxis, é tarefa árdua pensar em um produto educacional que, em alguma medida, dê conta do que foi discutido sobre trabalho docente a partir dos dizeres de professores e professoras. Nossa pesquisa trabalha com discursos, nas produções e movimentos de sentidos. Com isso, nosso produto não se encaixaria em algo concreto como um livro ou um material didático. Ele necessita estar envolvido nos processos de significação dos e das docentes de uma forma menos estática.

No ponto de vista das relações de trabalho que nos são expostas durante a pesquisa, entendemos que, para acabar de fato com a relação de trabalho explorado, somente acabando com o sistema capitalista e construindo o socialismo. Portanto, nosso produto não possui o poder de mudar direta e completamente as condições de trabalho que afetam o/a trabalhador/a docente. Além disso, as lutas que se travam nessa perspectiva já possuem um agente, a classe organizada em sindicatos. Nesse embate sobre o que, então, poderíamos propor em diálogo com o desenvolvido na pesquisa, algumas sequências discursivas se sobressaem e nos apontam uma direção. São dizeres que se entrecruzam e significam de alguma forma uma lacuna que está ao nosso alcance tentar preencher.

A SD133, produzida pelo/a professor/a 2, por exemplo, relata: “A gente vem há muito tempo deixando de fazer uma discussão, (...) que é quais são os sentidos da escola mesmo, de tentar romper com uma visão tão estreita de escola.” Nesse atravessamento, temos a SD339, produzida pelo/a professor/a 4, nos diz: “Professor também precisa de acolhimento, acho que é isso.” Nesse espaço entre acolhimento e problematização de conceitos caros ao campo educacional, como os sentidos de escola, de educação, de docência, entre outros, uma brecha de atuação nos pareceu possível de articular como proposta de produto educacional.

No que se refere aos processos dolorosos que surgem no universo de trabalho do professor e da professora, optamos por trabalhar nesse espaço de acolhimento, de partilha, de escuta, de solidariedade. Contudo, é preciso dizer que o que propomos se difere de um espaço

de escuta clínica, de mediação psicológica. Também se difere do próprio sindicato. A atuação do mesmo, ao menos no município em que trabalhamos, se restringe a atividades administrativas e jurídicas em defesa dos interesses da categoria. As assembleias acontecem com pouca frequência e não tem o viés de escuta de situações particulares, mas de repasses de informações referentes à categoria como um todo.

Os encontros que propomos também se diferem de formações, no sentido tradicional do termo. Consideramos que não temos nada a oferecer que forme os e as participantes. Nosso objetivo é criar um espaço até então inexistente em que docentes se sintam à vontade, que possam trocar informações, sentimentos, experiências, produzindo sentidos no coletivo sobre o trabalho docente que os/as afeta e, quem sabe, propor ações, sempre no coletivo, para isso.

Pretendemos oportunizar esses momentos para que o/a docente se sinta acolhido/a, se sinta ouvido/a, representado/a e consiga se identificar (ou não) entre seus pares. Tensões, conflitos, embates sobre formas de perceber o trabalho docente também são importantes para que novos sentidos sejam produzidos para docência, para educação, para escola, e para todos atravessamentos que esse universo possa abarcar. Nesse ponto se configura então a necessidade de questionar concepções de certo modo cristalizadas, seja pelo discurso dominante ou pela prática institucional que nos subjetiva. Os encontros são pensados, então, como momentos de reflexão sobre a prática por vezes tão corrida em sala de aula. Como momento de práxis, ação-reflexão-ação, para que, talvez, algo possa ser melhorado no cotidiano do trabalho docente no município de pesquisa.

2) EMBASAMENTO TEÓRICO E ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA

Apresentamos nosso embasamento teórico na mesma seção da organização metodológica por entender que teoria e método, ou, teoria e prática, andam juntos. Não retomaremos aqui a reflexão teórica da Análise do Discurso, por ela já estar densamente presente em todo decorrer da dissertação, mas é evidente que não abandonamos os pressupostos discursivos no momento da organização do produto educacional. Exemplo disso é que nossa proposta se articula principalmente pela palavra, pelo encontro, pela conversa, pela troca, pelo tensionamento de ditos e não-ditos em relação à educação. Trazemos, portanto, uma breve explicação de um segundo referencial que se atravessa neste momento de

maior interlocução da pesquisa com a realidade docente, um referencial que tem permeado a constituição como sujeito da própria pesquisadora, que é o referencial freireano.

Para organizar esses encontros, nos inspiramos em Paulo Freire e na metodologia dos Círculos de Cultura. A propagação dos chamados Círculos de Cultura acontece a partir de Paulo Freire e do grande movimento de alfabetização e educação popular que aconteceu no Brasil nos anos 60. Mesmo com o posterior golpe civil-militar que perseguiu Freire e deu fim às suas atividades, a metodologia dos Círculos de Cultura seguiu se desenvolvendo e se resignificando para outros contextos que não só a alfabetização de adultos. Tratemos, então, alguns elementos que embasam essa prática que podem ser lidos e utilizados para diferentes contextos.

Os Círculos de Cultura começam por ter esse nome pela organização dos sujeitos no espaço. Essa organização se dá justamente no formato de um círculo, com o claro objetivo de dispor os sujeitos em uma relação de igualdade. Todos/as estão à mesma distância do centro do círculo. Além disso, essa postura permite que todos se enxerguem, de forma que ninguém dá as costas para ninguém.

Na crítica formulada por Freire acerca da prática da educação bancária, o círculo de cultura quebra a disposição hierárquica ao organizar as pessoas num círculo, pois nele ninguém ocupa um lugar de destaque. Em vez de um professor que detém o conhecimento e o transmite aos alunos, há a figura do coordenador, cuja função é auxiliar o diálogo entre os participantes e lhes propor a construção coletiva do saber solidário. (FIGUEIREDO & SILVA, 2022, p.168).

A partir das singularidades de cada contexto, se definem os temas geradores. É a partir desses temas escolhidos pelos anseios do coletivo que são propostas questões, imagens, textos, filmes, poemas, dentre outros recursos que possam iniciar o diálogo. O/a coordenador/a do grupo tem o papel de mediador/a e de animador/a do debate, da conversa, que se instala a partir dos temas geradores. Com isso, é produzido um espaço-tempo dialógico-comunicativo. Os círculos não se resumem a um espaço racional, mas também a “um espaço-tempo da sensibilidade, do cuidado, do respeito.” (FIGUEIREDO & SILVA, 2022, p.172). É preciso focar, mais uma vez, na palavra inspiração. Não propusemos uma reprodução do que Freire realizou a seu tempo, mas nos inspiramos para organizar a nossa proposta.

Na nossa proposta metodológica, consideramos a singularidade dos nossos sujeitos, professores e professoras do município de pesquisa. Como já exposto na dissertação que deu

origem a esse produto educacional, os e as docentes se encontram em jornadas exaustivas de trabalho. Por essa razão, propomos um encontro mensal nos sábados. Desse modo, temos um dia em que os e as docentes não estão trabalhando, tendo vista que o município não possui mais sábados letivos no seu calendário. Além disso, um sábado por mês não se torna algo pesado para a rotina do/da trabalhador/a docente.

Tais encontros se organizam com um café coletivo, em que cada um/uma traz algum alimento para compartilhar. Durante o encontro, são discutidos, então, os temas geradores de cada encontro e já investigadas as temáticas que possam ser utilizadas para os próximos. De início, a professora-pesquisadora que propõe os círculos assume o papel de coordenadora, contudo, o objetivo é que, com a continuidade do projeto, outros/as docentes vão adquirindo autonomia para exercer esse papel, até chegar em um momento em que possamos fazer uma coordenação rotativa, em que cada docente se responsabilize em coordenar cada encontro.

Para início do processo, a principal dúvida foi que docentes convidar. Poderíamos pensar nos docentes sindicalizados, mas são em número extenso e não saberíamos quantos iriam comparecer. Além disso, para propor um encontro desse tipo, é preciso conhecer minimamente o contexto dos sujeitos com que se irá trabalhar. A ideia de docentes sindicalizados pareceu por demais nebulosa, composta de uma heterogeneidade que dificultaria em excesso a organização de um primeiro momento, ainda de verificação das potencialidades da ideia de produto educacional. Pensamos na possibilidade de realizar por escolas ou por componentes curriculares, mas também não pareciam responder aos anseios de discutir a docência como um todo e com abrangência municipal.

Tais questões somadas às dúvidas se realmente a proposta seria significativa, originou a ideia de realizar uma espécie de encontro piloto com docentes próximos da pesquisadora. Foram convidados, então, para esse primeiro momento, 10 docentes da rede municipal de educação, dos quais 6 puderam se fazer presentes. Foi enviado o convite abaixo pelo Whatsapp com a seguinte mensagem: “Oi, tudo bem? Gostaria de te convidar para o encontro piloto do produto educacional que pretendo desenvolver como fruto da pesquisa de mestrado em educação que venho desenvolvendo juntamente ao programa da UERGS. A dissertação ainda está sendo finalizada e, quando tiver a data de defesa, também enviarei o convite, caso puder e desejar assistir. Nela, trato da nossa realidade aqui do município, especialmente durante o período pandêmico de 2020 a 2022. Contudo, a proposta dos encontros é direcionada para o tempo que surgir nas nossas conversas. A ideia é criarmos um momento

de partilha de nossas docências. Nesse primeiro encontro, convido apenas docentes que fazem parte das nossas relações próximas, a fim de iniciar o processo. Nesse primeiro encontro, também assumirei o papel de coordenadora, mas com o intuito de que cada um/uma se sinta à vontade para dialogarmos em um espaço de acolhimento, escuta, troca, partilha, dos nossos cotidianos, angústias, alegrias, incertezas, da profissão docente que temos exercido no município. Ademais, como convite, sinta-se à vontade para recusar, ou se fazer presente em um próximo momento, caso já tenha algum compromisso nesse dia e horário. Acredito que a proposta irá se delinear cada vez mais conforme as vozes forem sendo escutadas nos encontros e gostaria de poder ouvir a sua.”



Figura 1 - Convite para o primeiro encontro
Fonte: Autora (2023)

Também surgiu a questão sobre onde realizar o encontro. Queríamos um espaço neutro, no sentido de não ser em uma escola, que já carrega um peso institucional. O sindicato também não possui um espaço amplo em que o encontro pudesse ser realizado.

Como solução, foi realizado no salão de festas da pousada onde uma das docentes convidadas reside.

Em relação a sua metodologia de trabalho, o primeiro encontro se desenvolveu da seguinte forma: Primeiramente, foram dadas as boas-vindas aos/às docentes, explicada a relação do momento proposto com a pesquisa de mestrado e a potencialidade dos encontros virem a tornar-se o que o coletivo decidir fazer deles. Então, com o intuito de mobilizar a conversa e trazer questionamentos para o círculo, foi lido o seguinte trecho do livro *Pedagogia da Esperança* de Paulo Freire:

O que me parece finalmente impossível, hoje como ontem, é pensar, mais do que pensar, é ter uma prática de educação popular em que, prévia e concomitantemente, não se tenham levado e não se levem a sério problemas como: que conteúdos ensinar, a favor de que ensiná-los, a favor de quem, contra que, contra quem. Quem escolhe os conteúdos e como são ensinados. Que é ensinar? Que é aprender? Como se dão as relações entre ensinar e aprender? Que é o saber de experiência feito? Podemos descartá-lo como impreciso, desarticulado? Como superá-lo? Que é o professor? Qual o seu papel? E o aluno, que é? E o seu papel? Não ser igual ao aluno significa dever ser o professor autoritário? É possível ser democrático e dialógico sem deixar de ser professor, diferente do aluno? Significa o diálogo um bate-papo inconsequente cuja atmosfera ideal seria a do “deixa como está para ver como fica”? Pode haver uma séria tentativa de escrita e leitura da palavra sem a leitura do mundo? Significa a crítica necessária à educação bancária que o educador que a faz não tem o que ensinar e não deve fazê-lo? Será possível um professor que não ensina? Que é a codificação, qual o seu papel no quadro de uma teoria do conhecimento? Como entender, mas sobretudo viver, a relação prática-teoria sem que a frase vire uma frase feita? Como superar a tentação basista, voluntarista, e como superar também a tentação intelectualista, verbalista, blablablante? Como trabalhar a relação linguagem-cidadania?

Prática política e gnosiológica também não é possível fazer a educação, plenamente, sem que estas perguntas estejam sempre nos instigando e sem que a elas estejamos sempre respondendo. (FREIRE, 2020, p. 187/188).

Tais questões que Paulo Freire se fez a sua época foram trazidas como inspiração para pensarmos nossas próprias questões. Para tanto, foram distribuídas fichas e canetas para que cada docente escrevesse a(s) pergunta(s), dúvidas, reflexões, que lhe viessem à mente em relação ao seu trabalho docente no município. Após a escrita, cada um foi lendo a sua enquanto conversávamos sobre possíveis respostas e produzimos novos questionamentos e saberes.

3) AS POTÊNCIAS DO PRIMEIRO ENCONTRO

Algumas questões levantadas foram: Como fazer do conteúdo algo significativo? Para que(m) serve a escola? Como avançar na criação de espaços e oportunidades de construções

coletivas para pensar o papel das escolas básicas do município hoje? Como realizar experiências de aprendizagem significativas em nosso contexto escolar atual? Com base nelas, produzimos tensionamentos sobre os limites que o sistema organizacional escolar nos impõe e as possibilidades de atuação na nossa realidade. Movimentos que são possíveis de serem feitos e que estão ao nosso alcance.



Figura 2 - Docentes escrevendo sua(s) pergunta(s)
Fonte: Autora (2023)

É relevante ressaltar que todos/as docentes presentes são servidores/as do último concurso realizado no município e é possível perceber um deslocamento de atitude em relação à educação de muitos desses e dessas profissionais. Foi comentado que nossa própria presença, pequenas recusas e convites cotidianos que fazemos tanto a colegas quanto a estudantes já desestabilizam sentidos até então cristalizados nas práticas escolares municipais. Ponderamos, então, que uma ação mais articulada poderia produzir ainda mais fissuras na estrutura conservada e produzir brechas onde haja a ampliação das possibilidades de novas construções.

Como encontro inicial, ficou o desejo de outros momentos para solidificação dos debates e concretização de algumas ações. Ações essas que, a partir da reflexão coletiva, talvez consigam responder aos diversos “comos” que surgiram nas perguntas. Mesmo nesse

pequeno grupo, há um desejo, uma vontade, uma pulsão, uma esperança que, na individualidade, se perde na falta de perspectiva de ação. Cremos que, no coletivo, os “comos” questionadores possam se tornar “quem sabe assim” de uma afirmação que leva a uma ação tentativa. Ação que voltará para a reflexão. Para a teoria, para o encontro, para novas ações. Dialética. Práxis.

Ademais, nos questionamos sobre a possibilidade de ampliação do grupo, inclusive para docentes de escolas particulares do município e de funcionários/as de escola. Todos/as se mostraram favoráveis, mas com a ressalva de que os encontros continuassem a ser espaços seguros, de confiança, em que cada um/a pudesse se expressar sem medo. Por essa razão, o grupo irá se ampliando aos poucos, conforme a vontade de cada um/a de convidar outros/as colegas. Decidiu-se que não será algo que, ao menos de início, será divulgado. Posteriormente, com o decorrer dos encontros e solidificação da proposta, momentos de extensão ao todo de trabalhadores em educação do município poderão ser pensados.

São estas algumas das questões pensadas em um projeto embrionário e que só o futuro dirá o que poderá surgir a partir de então. Como não nos propomos donos exclusivos desse chamado “produto educacional” o que de fato será produzido dependerá de muitas mãos. Ficando em momentos de reflexão em pequenos grupos, ou promovendo ações grandiosas, esse produto já se apresenta como revolução. Professores/as se encontrando e pensando em educação, por puro desejo, vontade, esperança, já é uma experiência revolucionária, ao menos em nosso contexto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIGUEIREDO, A. D. R.; SILVA, A. G. F. da. Reflexões em torno dos círculos de cultura na perspectiva freireana: um espaço-tempo de comunicar-formar sujeitos sociais. **Comunicação & Educação**, v. 26, n. 2, p. 165-178, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 27º ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.